

interessados na aplicação do novo método. Este está, de há muito, adotado de modo geral na Áustria e na Alemanha, sendo usado também na Dinamarca, na Suécia e na Tcheco-Eslováquia; também na Suíça parece agora estar conquistando terreno; casos isolados de seu emprêgo são noticiados nos Estados Unidos da América do Norte e na Noruega; continua, entretanto, ignorado na maioria dos países, fato devido à não-existência da investigação da paternidade na respectiva legislação. A colaboração de um número crescente de colegas tornou possível o desenvolvimento e o aperfeiçoamento do método, de modo que este pôde ser estendido a um número cada vez maior de caracteres hereditários. Dessa maneira, o método dos laudos antropológico-genéticos veio a constituir de fato numa nova ciência, que afinal reclamava uma sistematização dos dados essenciais em forma de compêndio ou manual de ensino. É o que ora publica o Dr. Heinrich Schade (Münster na Vestfália), obra bastante compreensiva, em que o estudante, como também o juiz e o advogado encontram tudo o que precisam saber a respeito do assunto. No corpo da obra, o autor, depois de apresentar um resumo histórico do método, expõe as suas bases biológicas e jurídicas, descreve os recursos técnicos, discute os padrões de avaliação e fornece, por fim, uma minuciosa descrição (em umas cem páginas) dos diferentes caracteres e grupos de caracteres a que se deve atender. Ótimas ilustrações enriquecem o texto. Em várias passagens, o autor se dirige contra a importância excessiva dada a métodos puramente matemáticos, que encerram o perigo de se operar com exatidão matemática ilusória, assunto, aliás, amplamente discutido no congresso dos peritos em laudos antropológico-genéticos realizado em 1953 na cidade de Münster. A título de apêndices, o livro traz definições de pontos de mensuração, tabelas comparativas, diretrizes da Sociedade Alemã de Antropologia, uma relação dos atuais peritos em laudos antropológico-genéticos oficialmente registrados na Alemanha etc. A bibliografia, que abrange cerca de 360 publicações especializadas, demonstra o incremento tomado no decorrer dos anos pela nova ciência. As páginas finais do livro contêm um índice de nomes e outro de assuntos. — Caracterizando-se pela excelente exposição, a obra de Schade constitui um manual de ensino ("Lehrbuch") no verdadeiro sentido da palavra, merecendo, por isso, a mais larga difusão.

Otto Reche

EGON SCHADEN: *Aspectos fundamentais da cultura Guaraní*. 216 págs. e 16 pranchas. Boletim n.º 188 da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. Antropologia n.º 4. São Paulo, 1954.

Espalhados pelos diferentes Estados do Brasil Meridional e pelo sul de Mato Grosso, os remanescentes da tribo Guaraní em território brasileiro representam uma parcela diminuta no conjunto das populações indígenas do país. Distribuem-se por cerca de trinta núcleos ou aldeias, somando talvez três mil almas, ao passo que o total dos índios brasileiros orça por uns duzentos mil.

Em seu recente livro, "Aspectos fundamentais da cultura Guaraní", Egon Schaden classifica os Guaraní hoje existentes no Brasil em três grupos dialetais, os Nandéva, os Mbüá, e os Kaiová. A essa tripartição dialetal correspondem variantes culturais, cuja diferenciação, no entanto, não é lastante incisiva para se não considerar a cultura Guaraní como um todo. Apesar de seu reduzido número, constituem êsses aborígenes



um objeto de estudo que não solicita apenas a atenção do antropólogo. São descendentes de uma nação de índios que teve, ao lado dos Tupí, um lugar de destaque na história colonial do Brasil. Além disso, os Guaraní brasileiros são apenas pequena parte de um grupo étnico bem considerável, localizado além das fronteiras do país. Cêdo a tribo se viu envolvida no processo histórico do choque de culturas em terra sul-americana, fato que sugere desde logo a possibilidade de se descobrirem, na atual configuração de cultura, rastros significativos desse diálogo cultural entre o Velho e o Novo Mundo.

A tal expectativa o volume de Egon Schaden vem corresponder de forma bem mais concreta do que o faz supor a formulação vaga do título; analisam-se os "aspectos fundamentais" através das reações da tribo aos contactos com elementos europeus e da aculturação dos diferentes grupos locais. Esse processo permite apreender o que o objeto encerra de específico, pois é nas situações de insegurança e de perigo que a natureza humana revela, melhor do que em outras quaisquer, a sua verdadeira essência. E uma obra que apresente a cultura de uma tribo com vistas a determinadas manifestações características supera, pelo menos quanto ao interesse geral, a eloquência de outra que o faça por meio de minuciosa e completa descrição monográfica. Em seu estudo, o autor soube explorar as possibilidades proporcionadas pela seleção do material e pelo ponto de partida formal.

A análise da situação religiosa, a que dedica o capítulo oitavo, é ao mesmo tempo um estudo expressivo da aculturação geral dos Guaraní.

A religião tribal sobrevive intacta em suas partes essenciais. Isto, entretanto, não quer dizer que as representações cristãs não se tenham infiltrado, em larga escala, no sistema tradicional. O culto dos santos, práticas cerimoniais e muitas concepções estranhas foram aceitas pelo indígena, sem que por isso ele tenha abandonado o corpo dos ensinamentos tradicionais, cuja doutrina nuclear é a negação do livre arbítrio, aliada à crença fanática num reino espiritual de felicidade no Além, onde um dia todos se hão de encontrar sem primeiro passarem pelo Juízo Final.

O que melhor caracteriza a aculturação dos Guaraní no setor da religião é a sua incapacidade de combinar de maneira fértil os elementos antigos com os de proveniência cristã. É verdade que, vencida a fase inicial da aculturação, o Guaraní se declara católico, vangloriando-se mesmo da sua mentalidade magnânima, que ele diz abrir-se à religião dos brancos, ao passo que o homem branco é incriminado de considerar com desdém as idéias da doutrina aborigene. Todavia, a aceitação dos elementos cristãos em seu próprio sistema de crenças não é senão mecânica; ao recebê-los, imprime-lhes acento mágico, medicinal ou econômico, sem lhes conferir significação verdadeiramente religiosa em sua cultura, na qual, aliás, a religião é o centro de convergência de todos os interesses. O grau mais alto da integração de elementos cristãos é alcançado pela sua reinterpretação segundo o esquema do pensamento tradicional. O Guaraní não consegue vitalizar a sua própria posição no antagonismo que se trava entre o tradicional e o estranho. E quando, nos primeiros contactos com o Cristianismo, não começa por fechar-se aos novos ensinamentos, rejeitando-os como irrelevantes para a sua existência, e não permitindo sequer ao homem branco a exposição de suas idéias, vemo-lo acolher pouco a pouco elementos isolados da fé cristã — como, por exemplo, a concepção do pecado —, não para compreender-lhes a significação profunda, mas para mobilizá-los como argumentos. Assim, é pecado a aceitação de doutrina estranha e de uma forma de vida contrária às normas e aos valores tradicionais. Dessa maneira, os conceitos do Cristianismo são usados, com astúcia, em defesa



da doutrina dos antepassados, cujas peças nucleares — negação do livre arbítrio e destruição do mundo no futuro — vêm redundar em “escapismo” face à situação histórica.

A configuração cultural guaraní da atualidade apresenta, destarte, sinais de desintegração. A reação dos índios ao contacto com elementos culturais europeus de natureza não religiosa — assunto da maioria dos capítulos restantes da obra — confirma o resultado básico obtido pelo estudo da situação religiosa, o de que o sistema cultural da tribo não é capaz de resistir à situação de choque.

O volume de Schaden vale por um convite para o reexame do problema das missões jesuíticas do Paraguai. É que o fundamento lançado com a obra permite compreender o sentido em que os missionários possibilitaram a conservação do estado cultural dos Guaraní. O rumo tomado pela existência dos Guaraní livres, entregues a si mesmos, fornece o melhor pano de fundo para a avaliação das qualidades dos jesuítas, cuja ação em última análise foi decisiva para a sobrevivência de valores essenciais da cultura tribal da época. Graças às pesquisas de Schaden, estamos em condições de ver melhor a harmonia interna que se estabeleceu entre a alma da cultura Guaraní e a técnica missioneira dos padres — assunto, aliás, a que o autor pretende dedicar um trabalho especial, que deverá ser publicado no “Anthropos”.

“Aspectos fundamentais da cultura Guaraní” é um livro que revela o pesquisador familiarizado com tôdas as correntes teóricas da etnologia moderna. Merece destaque a combinação original do método funcionalista com a idéia das configurações culturais. O material novo se refere sobretudo ao domínio das instituições religiosas e políticas; é fruto de múltiplas pesquisas de campo, empreendidas, após o estudo da bibliografia existente, com vistas à solução de determinados problemas. Em duplo sentido, a forma da exposição se distingue pela singeleza. Seguindo o exemplo de grandes etnólogos contemporâneos, o autor apresenta os fatos em encadeamento tal que falem por si mesmos e sem que se torne necessário pôr a mostra os elementos metodológicos em que se apóiam as conclusões. Em segundo lugar, a exposição se afigura singela por nela se renunciar ao confronto entre os resultados novos e afirmações contraditórias existentes na literatura. A discussão das divergências teria estendido muito o texto da obra.

Tomando conhecimento de toda uma série de reações “erradas” de uma cultura em face da realidade histórica — erradas no sentido de não corresponderem à função de garantir a sobrevivência do grupo —, o leitor se vê, por sua vez, colocado diante do problema de reagir emocionalmente de maneira adequada ao fenômeno em apreço. No plano dos valores, a atitude deve situar-se além das fronteiras de toda cogitação filantrópica, que, diante do caráter fatal do desenvolvimento, seria insuficiente. Attingida em seu nervo vital, a cultura Guaraní em território brasileiro já não permite aos seus portadores sobreviverem por mais de uns poucos decênios, nem mesmo à margem da civilização ocidental.

Numa orientação histórica, surge espontâneamente uma alternativa distante das atribulações do presente: deve o fato de êsses grupos indígenas desaparecerem do cenário da história ser caracterizado como “trágico” ou como “triste”? O trágico enquanto categoria histórica definiu-o Hegel como o antagonismo não entre o direito e o seu oposto, mas entre direito e direito. Em sua conceituação histórica, a noção do direito requer boas condições de existência cultural para um e outro partido. Pode-se, assim, encarar como trágica a destruição de Cartago, mas não o desaparecimento das populações indígenas. É inerente, por seu turno, ao conceito estético



do trágico, tal como o encontramos, por exemplo, em Shakespeare, elasticidade suficiente para abranger o destino dos índios: a catástrofe decorre do desenvolvimento extremo de um traço do caráter de pessoas no mais equilibradas. A recusa decidida do índio Guaraní de entrar em comunicação com o mundo europeu — ou seja, a sua desobediência à lei que impele o homem à comunicação — eis o momento responsável pelo seu “destino trágico”. Não obstante, a consideração deve ficar no plano da historicidade do homem. Ao quadro da existência indígena, como o deparamos em nossos dias, parece corresponder o juízo valorativo de que o desaparecimento desses grupos humanos é triste. E ainda que se usasse o critério cuja validade acabamos de negar, nada se acrescentaria ao predicado histórico, devido à ausência de lances grandiosos com que o fim da tribo se anuncia: um fim sem epopéia, que também no plano estético é simplesmente triste, sem proezas heróicas. *E. A. von Buggenhagen*

*OSKAR EBERLE: Cenalora. Leben, Glaube, Tanz und Theater der Urvölker. 575 págs. e numerosos desenhos, fotos e mapas. Walter Verlag. Olten und Freiburg im Breisgau, 1954.*

O autor desta obra sobre o teatro primitivo (“Urtheater”) é especializado na ciência do teatro. Sem ser etnólogo, procura, baseado nas teorias e pesquisas de etnólogos, como Wilhelm Schmidt, Martin Gusinde, Paul Schebesta e muitos outros, apresentar um quadro da vida teatral de dezessete tribos, etnologicamente das mais antigas, distribuídas por quatro continentes. Os grupos principais estudados são os pigmeus da África, os índios da Terra do Fogo, os negritos da Ásia e os aborígenes da Austrália.

Sendo o interesse do autor, antes de tudo, o de cientista e historiador do teatro, aplica os princípios da sua ciência ao material etnológico, confiante em que dêste modo não só tenha apresentado um quadro do teatro dos aborígenes estudados, mas tenha feito, também, uma contribuição importante para o problema das origens do teatro, mercê da suposta analogia entre aquelas tribos e o homem pré-histórico. Convenido, talvez em demasia, da veracidade das teorias de Schmidt, relativas ao monoteísmo dos povos etnologicamente mais antigos, chega a conclusões que em alguns casos possivelmente necessitem de revisão. Isso certamente não se refere à sua tese, documentada por amplo material, de que o teatro primitivo em geral não nasceu do culto, sendo ao contrário em muitos casos de origem profana. Na sua forma mais antiga, como “ópera” dansada no estilo de um naturalismo ritmizado, como representação mímica recreativa de animais, caçadas, pescarias, aventuras e acontecimentos cotidianos, o teatro parece afigurar-se mais antigo do que qualquer culto, sendo mesmo a base dêste. Tal opinião coincide de certo modo com a de Johan Huizinga (exposta em “Homo Ludens”), segundo o qual o culto é uma representação dramática, inserindo-se no “jogo”, que é o fenômeno primário. O jogo, consoante ambos os autores, já é praticado pelos animais. O teatro porém, como forma peculiar do jogo, é, segundo Eberle, privilégio humano. Seria a arte originária do homem, a qual encerra em germe tôdas as outras artes. Através do teatro, o homem adiciona ao mero movimento expressivo o “papel”, a representação de outro “eu”. Poder-se-ia acrescentar que a mímica transforma o ato em gesto, isto é, em expressão simbólica.

Nota-se certa contradição, quando o autor de um lado diz que “tôda” ação visando a fins, obviamente se mantém fóra do teatro” (p. 495), sem que do outro deixe de considerar o “feitiço mímico” como teatro eficaz. Essa contradição é realmente crucial e liga-se, ao que parece, a tôda teoria